



**XXXI CONGRESO ALAS
URUGUAY 2017**

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

**ORGANIZAÇÃO DOS CATADORES DE MATERIAIS RECICLÁVEIS NO BRASIL:
EMERGÊNCIA DE UMA NOVA CLASSE SOCIAL?**

Thelma Flaviana Rodrigues dos Santos

thelfrs@yahoo.com.br

Universidade Federal de Campina Grande

Brasil

Daniella Maria Brito Azêdo Guedes

daniellaazedo@gmail.com

Universidade Católica de Pernambuco

Brasil



XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

RESUMO

A crise do trabalho assalariado da década de 1970 fez surgir propostas de alternativas de geração de trabalho e renda, como a Economia Solidária (ES), um movimento caracterizado pela organização autogestionária de trabalhadores(as), que surge no Brasil em meados da década de 1980. A mesma década foi marcada ainda pela emergência de debates sobre o Meio Ambiente e a Gestão do Lixo. Ainda nos anos 80, surgem no Brasil as primeiras cooperativas de catadores(as) de materiais recicláveis, tanto como resposta tanto às questões ambientais quanto como proposta de melhoria de condições de trabalho e de vida para essa camada marginalizada da sociedade. A catação de materiais recicláveis não é uma novidade, está é há muitas décadas uma atividade desenvolvida por uma parcela excluída da sociedade capitalista, no Brasil, em diversos países da América Latina e do mundo (Leite, Araújo, & Lima, 2015). Estudos vem demonstrando como a organização destes(as) trabalhadores(as) em cooperativas e associações autogestionárias vem possibilitando a inserção socioeconômica destes sujeitos (Leite, 2012; Lima, 2015; Santos, 2016). O fortalecimento do movimento da Economia Solidária abriu espaço para o diálogo entre militantes e as diversas instâncias de governo. Mais recentemente a ES passou a contar com o apoio de agentes governamentais, através da criação de estruturas políticas públicas específicas, como a Secretaria Nacional da Economia Solidária (Senaes). A organização dos EES de catadores(as) possibilitou o fortalecimento desta categoria, originando o Movimento Nacional dos Catadores(as) de Materiais Recicláveis (MNCR), fundado em 2001. Ao longo dos 13 anos de governo do PT, nos mandatos do Governo Lula e do Governo Dilma, os(as) catadores(as) realizaram diversas conquistas a nível de políticas públicas, garantindo direitos, inserção na Política Nacional de Resíduos Sólidos (PNRS), Lei n. 12.305 (2010), e contando com recursos para fomento de EES. Tais políticas e incentivos contribuíram para mudanças na vida destes(as) trabalhadores(as), na percepção que a sociedade tem dos(as) catadores(as) e na percepção destes sujeitos acerca de sua própria atividade (Santos, 2016). Observando o percurso histórico da categoria no Brasil, nos indagamos: Estaria o movimento de organização dos(as) catadores(as) de materiais recicláveis ao longo das últimas décadas configurando o surgimento de uma nova classe social no Brasil? Diante de tal indagação, surge este artigo, com o objetivo de analisar o processo histórico da organização dos(as) catadores(as) de materiais recicláveis do Brasil, investigando se a organização destes(as) trabalhadores(as) se configura como um movimento de formação de uma nova classe social. A metodologia pode ser classificada como: estudo de caso, exploratória e qualitativa. Os instrumentos de pesquisa incluem: observação participante; incursões etnográficas; entrevistas e consulta a dados secundários.

Palavras-chave: Catadores de materiais recicláveis; ação coletiva; classe.



XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

ABSTRACT

The labor crisis of the 1970s given rise to proposals for alternative forms of work and income, such as Solidarity Economy (SE), a movement characterized by the self-managed organization of workers, which emerges in Brazil in the middle of the 1980s. In the same decade, the debates of the environment and waste management arise. Also in the 1980s, the first cooperatives of recyclable materials collectors appeared in Brazil, as a response to environmental issues and as a proposal to improve working and living conditions for this part of the marginalized society. The activity of collectors is not new, it is a strategy developed by an excluded part of capitalist society for many decades, in Brazil, in several countries of Latin America and the world (Leite, Araújo, & Lima, 2015). Studies have shown how the organization of these workers in self-managed cooperatives and associations has made possible the socioeconomic insertion of these subjects (Leite, 2012; Lima, 2015; Santos, 2016). The increase of Solidarity Economy movement has opened space for dialogue between militants and the various levels of government. Recently, the SE has received the support of government agents, through the creation of specific public policy structures, such as the National Secretariat of the Solidarity Economy. The organization of waste collectors has strengthened this category, leading to the National Movement of Recyclable Material Collectors, founded in 2001. Throughout the 13 years of the PT's mandate, mandates of Lula Government and Dilma Government, the collectors made several public policy achievements, guaranteeing rights, insertion into the National Policy on Solid Waste, Law n. 12.305 (2010), and counting with resources to promote their organization. The policies and incentives have contributed to changes the lives of these workers, the perception that the society has of the collectors and the perception of these subjects about their own activity (Santos, 2016). Looking at the history of the category in Brazil, we ask if the movement of organization of recyclable materials collectors configuring the emergence of a new social class in Brazil. This article aims to analyze the historical process of the organization of recyclable materials collectors in Brazil, investigating if they organization configure a movement of formation of a new social class. The methodology adopted was the case study, exploratory and qualitative. Research instrument include participant observation; ethnographic incursions; interviews and analyses of secondary data.

Keywords: Waste pickers; collective action; class.



XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

I. Introdução

Há décadas ou até mesmo centenas de anos milhares de pessoas em diversas partes do mundo têm sobrevivido da catação de “lixo”, seja para consumo do que a sociedade descarta, seja através da comercialização dos materiais encontrados nos lixões. Com o surgimento da indústria da reciclagem e o aumento do desemprego, decorrente da crise do trabalho assalariado dos anos 1970, cresce o número de catadores(as) no Brasil. A partir da década de 80 surgem no Brasil as primeiras cooperativas de catadores(as) de materiais recicláveis, com o apoio da Igreja Católica, organizações não governamentais (ONGs), universidades e algumas prefeituras.

Essas primeiras experiências nascem em meio as discussões sobre meio ambiente e gestão sustentável do lixo, no âmbito da Economia Solidária (ES) – uma proposta de geração de trabalho e renda pensada como alternativa ao modelo capitalista. Desse modo, a organização socioproductiva dos(as) catadores(as) surge tanto como resposta às questões ambientais quanto como proposta de melhoria de condições de trabalho e de vida.

Durante a década de 90 multiplica-se o número de empreendimentos econômicos solidários (EES) de catadores(as) no Brasil, o que possibilitou a intensificação do diálogo entre os(as) catadores(as) e destes(as) com diversos atores sociais. Surge assim o Movimento Nacional dos Catadores(as) de Materiais Recicláveis (MNCR) em 1999, fundado oficialmente em 2001. Em 2002 o MNCR realiza suas primeiras conquistas, o reconhecimento formal da profissão através do registro no Código Brasileiro de Ocupações (CBO) e a criação do Comitê Interministerial de Inclusão Social de Catadores de Materiais Recicláveis. Com a criação da Secretaria Nacional da Economia Solidária (Senaes) em 2003, surgem as primeiras políticas públicas voltadas aos catadores(as) no Brasil, como o Programa Pró-Catador e o Projeto de Fortalecimento do Associativismo e do Cooperativismo dos Catadores de Materiais Recicláveis (CATAFORTE).

Ao longo dos últimos 15 anos o MNCR alcançou diversas conquistas legais que vem garantindo a melhoria nas condições de trabalho e de vida dos(as) catadores(as), das quais a inclusão destes(as) na Política Nacional de Resíduos Sólidos (PNRS), Lei n. 12.305 (2010), é a



**XXXI CONGRESO ALAS
URUGUAY 2017**

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

mais importante. Estas conquistas foram garantidas pela ação coletiva destes(as) trabalhadores(as), parcerias com outros atores e enfrentamentos em situações em que seus direitos foram ameaçados.

Além de modificar a realidade dos(as) catadores(as) dentro e fora do trabalho, permitindo sua saída dos lixões, garantindo melhores condições de trabalho, melhores preços na comercialização dos materiais coletados e reconhecimento social, a organização socioproductiva e política destes(as) trabalhadores(as) vem modificando sua própria percepção a respeito da atividade que desenvolvem. Os(as) catadores(as) organizados demonstram solidariedade com outros(as) catadores(as), consciência a respeito da importância ambiental e social de seu trabalho e dos direitos conquistados pela categoria, ressaltando a necessidade de reconhecimento por parte da sociedade e do Estado para que seus direitos sejam garantidos. Ademais, a ação coletiva destes(as) trabalhadores(as) vem alterando suas relações com outros atores na arena social.

Observando o percurso histórico da categoria, nos indagamos: Estaria o movimento de organização dos(as) catadores(as) ao longo das últimas décadas configurando o surgimento de uma nova classe social? Diante de tal indagação, surge este artigo, com o objetivo de analisar o processo histórico da organização dos(as) catadores(as) de materiais recicláveis do Brasil, investigando se a organização destes(as) trabalhadores(as) se configura como um movimento de formação de uma nova classe social.

A organização coletiva dos(as) catadores(as) lança desafios às discussões sobre classe tendo em vista que estes sujeitos por muito tempo foram considerados parte do “lumpemproletariado” (Marx, 2007, 2013), uma parcela da sociedade que seria muito fraca e fragmentada para se organizar em classe. Sendo identificados ainda como parte da “Ralé” proposta por Souza (2009), que também não contaria com dispositivos incorporados que os permitisse desenvolver um pensamento prospectivo e a disciplina necessária para mudar sua realidade.

Este artigo traz resultados parciais da pesquisa de doutorado de uma das autoras. Por tratar-se de uma pesquisa em andamento, as questões levantadas ainda estão em aberto, devendo ser aprofundadas ao longo da investigação. A parceria de coautoria é fruto do intenso diálogo entre as autoras, que vem contribuindo com os desdobramentos da pesquisa e análise interdisciplinar das questões que aparecem no campo.



XXXI CONGRESO ALAS
URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

II. Marco conceitual

Por tratar-se de um tema antigo e caro às Ciências Sociais, as discussões sobre classe contam com inúmeros enfoques teórico-metodológicos diferentes. Neste artigo discutiremos três das principais abordagens sobre classe que possam fornecer subsídios à nossa análise: a marxista; a weberiana; e a proposta por Bourdieu.

Apesar do conceito de classe ter uma grande importância no marxismo, Marx e Engels nunca o definiram sistematicamente. Entretanto, em suas obras (Marx, 2007, 2013; Marx & Engels, 1998, 2013) é possível identificar três dimensões da classe que estariam conectadas: a econômica, que partindo de uma análise estrutural divide a sociedade capitalista em burguesia e proletariado; a dimensão da consciência, voltada à apreensão do momento em que os indivíduos deixam de ser uma classe em si e passam a agir como uma classe para si; e a política, que enfatiza a luta de classes.

Para Marx e Engels (2013) a sociedade capitalista tende a se polarizar entre burguesia e proletariado. Contudo, a acumulação capitalista produz também uma população trabalhadora adicional relativamente excedente, a superpopulação relativa ou exército industrial de reserva possui três formas: flutuante, aqueles trabalhadores que ora são repelidos, ora atraídos novamente pelo sistema de produção; latente, a parcela da população rural que se encontra em vias de se transferir para o proletariado urbano ou manufatureiro (no sentido de não agrícola); e a estagnada, uma parte do exército ativo de trabalhadores com ocupação totalmente irregular, tendo condições de vida abaixo do nível médio da classe trabalhadora (Marx, 2013).

O sedimento mais baixo da superpopulação relativa habitaria a esfera do pauperismo, formada por três categorias: os aptos para o trabalho; os órfãos e filhos de indigentes; e os incapacitados para o trabalho, aqueles que ultrapassam a idade normal de um trabalhador e as vítimas da indústria (aleijados, doentes, viúvas, etc.) (Marx, 2013). Haveria ainda o lumpemproletariado, ora definido como os plebeus que se encontrariam no meio do caminho entre os homens livres e os escravos (Marx & Engels, 1998), ora como a camada formada pelos vagabundos, delinquentes e prostitutas (Marx, 2013), e ainda como uma massa informe e desintegrada que vive na miséria, sendo incapaz de organizar-se em classe (Marx, 2007).



XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

Outro enfoque marxista que contribui para o debate é o de Poulantzas (1984). Avaliando que os critérios econômicos não bastam para localizar as classes sociais em uma formação social concreta, o autor considera os critérios políticos e ideológicos indispensáveis à análise das classes. Assim, aponta que as classes são divididas em frações e camadas, podendo entrar em contradição ou estabelecer alianças por interesses comuns.

Sem descartar as outras dimensões, Thompson (1979, p. 34) enfatiza a dimensão política:

Clase, según mi uso del término, es una categoría *histórica*; es decir, está derivada de la observación del proceso social a lo largo del tiempo. Sabemos que hay clases porque las gentes se han comportado repetidamente de modo clasista; estos sucesos históricos descubren regularidades en las respuestas a situaciones similares, y en un momento dado (la formación “madura” de la clase) observamos la creación de instituciones y de una cultura con notaciones de clase que admiten comparaciones transnacionales.

Para Thompson (1979, p. 37) “clase, en su uso heurístico, es inseparable de la noción de ‘lucha de clase’”, não seria uma “estrutura”, nem uma “categoria”, mas algo que ocorre efetivamente nas relações humanas. As classes não existiriam como entidades separadas, mas se dariam nas relações entre as pessoas que se encontrando numa sociedade estruturada de determinado modo, experimentam a exploração (e a necessidade de manter o poder), identificam interesses antagônicos, começam a luta por estas questões e no processo de luta se descobrem como classe, passando a conhecer estes descobrimentos como consciência de classe. A classe e a consciência de classe são sempre as últimas, não as primeiras fases do processo real histórico.

A segunda abordagem que trazemos é a weberiana, baseada na Estratificação Social. Para Weber (1974 e 2012), a classe está relacionada a renda e consumo, desse modo, seria a situação de mercado (mercado de bens e mercado de trabalho) que definiria a situação de classe dos indivíduos.

Em nossa terminologia, “classes” não são comunidades; representam simplesmente bases possíveis, e frequentes, de ação comunal. Podemos falar de uma “classe” quando: 1) certo número de pessoas tem em comum um componente casual específico em suas oportunidades de vida, e na medida em que 2) esse componente é representado exclusivamente pelos interesses econômicos de posse de bens e oportunidades de renda, e 3) é representado sob as condições de mercado de produtos ou mercado de trabalho. Esses pontos referem-se à “situação de classe”, que podemos expressar mais sucintamente como a oportunidade típica de uma oferta de bens, de condições de vida [...] A palavra “classe” refere-se a qualquer pessoa que se encontre na mesma situação de classe (Weber, 1974, p. 212).



**XXXI CONGRESO ALAS
URUGUAY 2017**

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

A estratificação social dar-se-ia pela classificação dos indivíduos de acordo com sua renda e consumo, ou seja, com sua situação de mercado. Com Weber nasce a ideia da mobilidade social, os indivíduos seriam capazes de mudar de classe alargando sua possibilidade de renda e consumo. Weber (1974 e 2012) considera que os indivíduos se associam devido à: ordem econômica (através da classe, relacionada aos bens e dinheiro); ordem social (por meio dos estamentos, que dizem respeito ao status e a honra); ou pela ordem jurídica (em partidos). Para o autor a ação social seria uma ação coletiva consciente, diferenciando-se da situação de “massa”, onde os indivíduos são levados a agirem coletivamente por imitação, sem consciência de suas ações.

Criticando a abordagem estrutural, Bourdieu (2007) sopesa a importância de levar em consideração as relações simbólicas entre indivíduos de diferentes classes, que exprimem diferenças de situação e posição tendendo a ser transmutadas em distinções significantes, graças às quais os sujeitos se exprimem e ao mesmo tempo constituem para si mesmos e para os outros sua posição na estrutura social, operando sobre os valores vinculados à posição de classe.

Unindo cultura à classe para pensar a ação coletiva, Bourdieu (2001) identifica como os *habitus* são construídos socialmente, criando condição de classe e posição de classe:

O *habitus* entendido como indivíduo ou corpo biológico socializado, ou como social biologicamente individuado pela encarnação num corpo, é coletivo ou transindividual – pode-se então construir classes de *habitus*, estaticamente caracterizáveis. É nessa qualidade que o *habitus* está em condições de intervir eficazmente num mundo social ou num campo ao qual esteja genericamente ajustado (Bourdieu, 2001, p. 191).

Para Bourdieu (2007), pensar classes tratar-se-ia de estabelecer de que maneira a estrutura das relações econômicas pode determinar a estrutura das relações simbólicas, ao determinar as condições e as posições dos sujeitos sociais. Em outras palavras, os campos oferecem diferenciados tipos de capitais (econômicos, cultural, simbólico, etc.), assim, os indivíduos tem seu *habitus* constituídos pelos diferentes dispositivos que incorporam dependendo do campo onde estão inseridos. A constituição de *habitus* semelhantes permitiria sua ação enquanto classe.



XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

III. Metodologia

Baseando-nos em Gil (2010), podemos classificar a metodologia adotada para esta pesquisa como: estudo de caso, exploratória e qualitativa. Os instrumentos de pesquisa incluem: observação participante; incursões etnográficas; entrevistas e consulta a dados secundários. Segundo Gonsalves (2011, p. 63), “o percurso metodológico se refere ao caminho trilhado para que você atinja os objetivos que definiu”. Corroborando com a autora, neste tópico, mais que conceituar método e instrumentos de pesquisa, tentaremos explicar a trilha investigativa que vimos seguindo.

No período de junho de 2016 até setembro de 2017 acompanhamos as reuniões do Fórum Regional do Agreste e do Fórum Estadual de Economia Solidária da Paraíba. Estávamos nestes espaços como entidade de assessoria, representando a Incubadora Universitária de Empreendimentos Econômicos Solidários da Universidade Federal de Campina Grande (IUEES/UFCG). A observação participante permitiu estabelecer um diálogo mais fecundo com os(as) catadores(as) e presenciar o modo como se articulam com outros atores e movimentos sociais.

Utilizando-nos de incursões etnográficas, acompanhamos reuniões nos EES e eventos de catadores(as): o Encontro Estadual de Catadores e Catadoras da Paraíba, em outubro de 2015; o Fórum de Contabilidade Aplicada ao Terceiro Setor, em julho de 2016; e o Expocatadores 2017, em dezembro. O que nos possibilitou identificar as pautas e os temas mais caros aos catadores(as).

Até o momento entrevistamos nove catadores(as) de quatro estados (Paraíba, Pernambuco, Rio de Janeiro e São Paulo), sete destes(as) são representantes do MNCR; três gestores(as) públicos(as), dois ligados ao Ministério do Trabalho e Emprego (MTE) e uma à Secretaria Executiva de Segurança Alimentar e Economia Solidária da Paraíba (Sesaes); e um representante do Instituto ECOAR, que desenvolve projetos voltados aos catadores(as).

Como parte de nossa investigação estamos analisando ainda dados secundários disponíveis na bibliografia temática, documentários sobre catadores(as) de materiais recicláveis, reportagens e notícias disponíveis na grande mídia (G1, Veja, etc.), publicações do blog do MNCR e nos sites das organizações internacionais de catadores(as), pesquisas realizadas pelo Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea) ou pelo Sistema Integrado de Economia Solidária (SIES).



**XXXI CONGRESO ALAS
URUGUAY 2017**

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

IV. Análise e discurso de dados

Com base no Censo Demográfico de 2010, o Ipea indicou que existem 387.910 catadores(as) no território brasileiro, 66,1% são negros(as), 68,9% seriam homens e 30,1% mulheres (Silva, Goes & Alvarez, 2013). Argumentando que o Censo não chega aos lixões e é incapaz de contabilizar os catadores(as) em situação de rua, o MNCR indica haver cerca de 800 mil catadores(as) no país, 70% seriam mulheres. Visando conhecer o universo dos(as) catadores(as) organizados, consultamos o segundo Mapeamento Nacional de Economia Solidária (SIES, 2013), que identificou um total de 19.708 EES no país, destes 606 seriam de catadores(as).

Tanto os(as) entrevistados(as) quanto a bibliografia vem apontando que participar de associações/cooperativas melhora as condições de vida dos(as) catadores(as) (Leite, 2012; Lima, 2015; Sant'ana & Metello, 2016, Santos, 2016). Todos(as) os(as) entrevistados(as) demonstraram solidariedade com os(as) demais catadores(as), desejando que se organizem em cooperativas, associações, no MNCR ou em outros movimentos. Todos(as) consideram que apenas unidos conquistarão melhores condições de trabalho e vida, percebendo a exploração que sofrem por parte das indústrias de reciclagem e atravessadores, e questionando a negligência do setor público.

A organização política ocorre através do MNCR, da União Nacional dos Catadores e Catadoras de Materiais Recicláveis do Brasil (Unicatadores) e da Associação Nacional dos Catadores e Catadoras de Materiais Recicláveis (ANCAT), que vem possibilitando a articulação entre catadores(as) e diálogo com instituições, gestores públicos e movimentos sociais. Além das instâncias nacionais, os(as) catadores(as) vem se organizando internacionalmente através da Red Latinoamericana e do Caribe de Recicladores (Red LACRE), composta por delegados de 17 países, e da Aliança Global de Catadores, que reúne organizações da Ásia, África e América Latina.

Nas entrevistas realizadas, nos eventos presenciados e na análise das publicações do blog do MNCR foi possível identificar a verticalização dos(as) empreendimentos de catadores(as) na cadeia da reciclagem e a aplicação da PNRS pelos municípios como principais reivindicações dos(as) catadores(as). A ação coletiva dos(as) catadores(as) costuma ser dirigida ao poder público, reivindicando direitos e políticas públicas que facilitem o crescimento na cadeia da reciclagem.



XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

A reportagem “Nenhuma carroça a menos! Mobilização de catadores fortalece luta pelo direito à cidade”, publicada no blog do MNCR (<http://www.mncr.org.br/noticias/blog-sudeste/nenhuma-carroca-a-menos-mobilizacao-de-catadores-fortalece-luta-pelo-direito-a-cidade>, recuperado em 29, novembro, 2017), ilustra a ação coletiva dos(as) catadores(as). No dia 06 de abril de 2017, catadores(as), participantes de movimentos sociais e políticos realizaram um ato na Baixada do Glicério, na cidade de São Paulo, denunciando a ameaça de despejo decorrente da operação “cidade linda” e a apreensão de carroças pela polícia. O operação faz parte de um projeto de higienização urbana do governo municipal de João Dória. Entre os dias 01 a 06, os(as) catadores(as) convenceram os funcionários municipais a não lacrarem o local, negociaram sua permanência no local e entraram na justiça com uma ação de manutenção da posse dos galpões.

Os principais temas abordados por catadores(as) na fala do ato incluem: deslegitimação da ação da prefeitura, tentativa de “sensibilização” de gestores públicos e sociedade para as reivindicações feitas, exigência por direitos e reconhecimento e clamor pela união entre os catadores(as) como forma de resistência. A reportagem ilustra ainda as estratégias de ação coletiva utilizadas: negociação com a polícia, funcionários e gestores públicos; protestos públicos através de manifestações; e “sensibilização” da sociedade, através da “poética” e “política do discurso” (Langdon, 2007; Bauman, 2008). Por fim, revela as relações que os(as) catadores(as) desenvolvem: de parceria (com movimentos sociais, igreja ou ainda com políticos e gestores públicos) e de oposição (a gestores públicos que apoiam políticas públicas que possam prejudicá-los).

A forma como os(as) catadores(as) vem se organizando e agindo coletivamente nos levou a questionar se estaríamos diante a emergência de uma nova classe. O termo classe aparece no blog do MNCR, que levanta como objetivos “garantir o protagonismo popular de nossa classe” e praticar a “Solidariedade de Classe”. Aparecendo também na fala de entrevistados(as): “[...] a gente tem uma única bandeira que é a de luta de classe, que é a bandeira verde [do MNCR]”. Os trechos destacados indicam que os(as) catadores(as) vem construindo uma identidade coletiva, percebendo-se enquanto classe. Evidencia-se ainda a percepção das relações entre classes, tanto de solidariedade quanto de oposição ou luta.



XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

Entretanto, quando perguntamos a que classe social consideram pertencer, os(as) entrevistados(as) responderam: “acho que classe C, né?”, “[...] eu sou da classe dos humildes”. Aparentemente a classificação weberiana adotada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), muito presente nas mídias comunicativas, é a referência que acaba sendo mobilizada pelos(as) entrevistados(as). Embora em outros trechos das entrevistas tenham surgido declarações como “nós [catadores(as)] somos parte da classe trabalhadora” ou “o catador é um trabalhador”, o que pode indicar que os(as) entrevistados(as) se identificam como parte da classe trabalhadora.

Pensar os(as) catadores(as) enquanto classe traz alguns desafios. Como por muito tempo os(as) catadores(as) foram identificados como parte do lumpemproletariado, a tradições marxista e modernista tendem a considerar que esta camada da população seria muito fraca e fragmentada para se organizar como classe (Rosaldo, 2016). Além disso, as especificidades culturais e econômicas locais parecem influenciar o perfil do trabalhador que passa a desenvolver a atividade de catação.

Para Souza (2009) os(as) catadores(as) não poderiam ser identificados como parte do lumpemproletariado, pois o lúmpen seria uma massa sobranete com as mesmas qualificações dos inseridos na classe trabalhadora, servindo como exército de reserva do capital. Desse modo, estariam mais próximos do conceito de “Ralé”, os sobranetes desqualificados do capitalismo, que não possuem nenhuma qualificação incorporada para ingressar no mercado de trabalho qualificado.

Burgos (2013) considera que apenas catadores(as) moradores de rua corresponderiam ao lumpemproletariado. A autora identifica os(as) catadores(as), inclusive os cooperativados, como sobranetes dos demais setores produtivos, tendo sido expulsos mercado formal de trabalho num contexto de adoção de uma política neoliberal. Considera ainda que catadores(as) “avulsos” – que trabalham individualmente – estariam na “esfera do pauperismo”.

Bosi (2008) identifica que a maioria dos(as) catadores(as) no Paraná tem origem rural, havendo iniciado a atividade de catação por não encontrar vagas no mercado de trabalho urbano. A atividade de catação surgiria diante à falta de opções, sendo integrada ao processo acumulação de capital através da indústria da reciclagem, desse modo, a suposta situação de exclusão dos catadores (desempregado, baixa escolaridade, faixa etária elevada) o qualifica para essa ocupação.



**XXXI CONGRESO ALAS
URUGUAY 2017**

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

Nascimento (2016) identificou o *habitus* precário dos catadores(as) de Campina Grande, Paraíba. Marcado pela baixa escolaridade, pobreza extrema, catação como uma rara possibilidade de trabalho e renda, entrada na atividade na infância ou juventude, e reprodução geracional da atividade. Este *habitus* inviabilizaria a possibilidade de mudarem de vida, assim, estariam próximos da “Ralé”. Reconhecendo a contribuição da autora e informando que conhecemos as cooperativas observadas por ela, tendemos à interpretação de que através da ação coletiva o “*habitus* precário” pode se alterar, possibilitando mudanças reais nas condições de vida. A pesquisa vem revelando que a vivência política contribui para a incorporação de novos dispositivos que parecem aproximar os(as) catadores(as) dos “Batalhadores” (Souza, 2012). A maioria dos(as) entrevistados(as) demonstrou capacidade de dividir seu tempo, autoconfiança e pensamento prospectivo.



XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

V. Conclusões

Analizamos que a abordagem estrutural restrita à dimensão econômica é insuficiente para a compreensão da categoria dos(as) catadores(as). Em nosso entendimento, não é apenas a posição destes(as) na estrutura produtiva que os(as) define como classe. Os(as) catadores(as), mesmo organizados em associações e cooperativas, não poderiam ser facilmente classificados como proletariado, pois não estabelecem uma relação direta de venda da força de trabalho para o capital – embora Bosi (2008) e Burgos (2013) demonstrem o modo como a acumulação de capital da indústria da reciclagem depende da apropriação da força de trabalho dos(as) catadores(as). Também não poderiam ser identificados como burguesia, mesmo tendo a posse coletiva dos meios de produção (galpões, caminhões, carrinhos, prensas, balanças, mesas de triagem, etc.), pois não são proprietários deste “capital”, devendo tudo permanecer no empreendimento em caso de desligamento do sócio.

Ao pensar a ação coletiva dos(as) catadores(as) como um movimento de classe, primeiramente é preciso compreender que estes(as) trabalhadores(as) compõem um grupo bastante diversificado. As diferenças entre os perfis de catadores(as) trazidos neste artigo explicitam o quanto a tentativa de enquadrá-los em categorias analíticas pode ser arriscada. Se alguns parecem habitar a esfera do pauperismo (autônomos ou individuais), podendo se aproximar do conceito de lumpemproletariado (catadores em situação de rua), outros estariam mais próximos do exército de reserva em suas três formas, flutuante (os expulsos do mercado formal de trabalho que oscilam entre o emprego formal e a catação), latente (migrantes do rural que não encontram emprego no urbano) e estagnada (que estão na atividade de catação há muito tempo).

Consideramos que uma análise thompsoniana seria mais adequada para entender o caso dos(as) catadores(as). Partilhando experiências comuns (vivência nos lixões e nas ruas, estigma por sua atividade, marginalização e invisibilidade social, baixos rendimentos, etc.), os(as) catadores(as) vivenciam uma experiência de classe determinada, em parte, pelas relações de produção em que nasceram ou entraram involuntariamente. A condição comum dos catadores(as) abre oportunidade para que sintam e articulem a identidade dos seus interesses em si.



**XXXI CONGRESO ALAS
URUGUAY 2017**

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

Nossa pesquisa vem nos conduzindo à hipótese de que, a partir do momento em que se organizam, os(as) catadores(as) iniciam um processo de identificação pelas experiências partilhadas, que os possibilita a construção de uma identidade na própria vivência na ação coletiva. Observamos que catadores(as) organizados há algum tempo parecem desenvolver uma consciência de classe, encarnando valores e ideias em comum, lutando por seus interesses e agindo de forma classista. Desse modo, avaliamos que os conceitos de classe em movimento e de auto construção da classe trabalhadora de Thompson (1987) parecem se aplicar ao caso dos catadores(as) no Brasil.

Até o momento estamos inclinados a perceber os(as) catadores(as) como uma fração da classe trabalhadora, ou da “classe que vive do trabalho” (Antunes, 2011). Tanto por representarem numericamente apenas um pequeno grupo social em meio a um universo de trabalhadores(as), quanto pelas especificidades de sua relação com o capital. Os(as) catadores(as) são trabalhadores(as) informais, que embora sejam extremamente fundamentais ao acúmulo de capital das indústrias de reciclagem, não tem poder de barganha sobre estas uma vez que a relação capital-trabalho se dá por fios praticamente invisíveis.

A posição que ocupam na cadeia da reciclagem e na estrutura social não passa despercebida pelos(as) catadores(as), eles(as) percebem a exploração do capital, a diferença na distribuição de poder entre os diversos atores que participam desta arena social e criam estratégias para alcançar seus objetivos. Identificam-se com a classe trabalhadora por perceber que estão em disputa com o capitalismo. A perspectiva de Poulantzas (1984) é útil para entender as relações entre catadores(as) e outras camadas e frações de classes.

Apesar de às vezes relacionarem o conceito de classe à ideia de estratificação social, a abordagem weberiana não parece suficiente para dar conta do caso dos(as) catadores(as). Nas nove cooperativas/associações que visitamos, a renda pode ir de R\$ 200,00 a R\$ 1.500,00, variando de acordo com o empreendimento e oscilando durante o ano a depender da quantidade de material coletado e do preço de venda, sujeito as flutuações do mercado internacional e a pressão dos atravessadores. Ou seja, os(as) catadores(as) não poderiam ser associados a uma classe com base nos critérios de renda e consumo pois estes variam bruscamente.



**XXXI CONGRESO ALAS
URUGUAY 2017**

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

Embora a perspectiva de Bourdieu seja útil a esta análise, pela diversidade de pessoas que vivem da catação é impossível pensar um único *habitus* comum a todos(as) os(as) catadores(as). Mais do que tentar encaixá-los em categorias pré-definidas (como Ralé e Batalhadores), é preciso conhecer suas histórias, experiências pessoais e coletivas. Buscando compreender o modo como se relacionam entre si e com outros agentes, se de alguma maneira vem construindo um “novo” *habitus*, forjado na própria vivência coletiva, que os possibilite agir de modo classista.

Respondendo nossa questão, o movimento de organização dos(as) catadores(as) de materiais recicláveis não parece configurar o surgimento de uma nova classe social. Não se trata de uma classe “nova”, mas de uma fração da classe trabalhadoras, que através da experiência de organização coletiva vem construindo um movimento de classe.



XXXI CONGRESO ALAS
URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

VI. Bibliografía

- Antunes, R. (2011). *Adeus ao trabalho? Ensaio sobre as metamorfoses e a centralidade do Mundo do Trabalho*. São Paulo: Cortez.
- Bauman, R. (2008). A poética do Mercado Público: Gritos de Vendedores no México e em Cuba. In: *Antropologia em Primeira Mão*, 103, 1-28.
- Bosi, A. de P. (2008). A organização capitalista do trabalho “informal”: O caso dos catadores de recicláveis. In: *RBCS*, 23, (67), 101 – 116.
- Bourdieu, P. (2001) *Meditações Pascalinas*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil.
- Bourdieu, P. (2007) *A Economia das Trocas Simbólicas*. São Paulo: Perspectiva.
- Burgos, R. (2013). *Periferias urbanas: o chão dos catadores no urbano periférico*. São Paulo: Humanitas.
- Gil, A. C. (2010). *Metodologia de pesquisa social*. São Paulo: Atlas.
- Gonsalves, E. P. (2011). *Conversa sobre iniciação à pesquisa científica*. Campinas: Alínea.
- Langdon, E. J. (2007). Performance e sua Diversidade como Paradigma Analítico: a contribuição da abordagem de Bauman e Briggs. In: *Antropologia em Primeira Mão*, 94, 5-26.
- Leite, M. de P. (2012) Cooperativas e trabalho: um olhar sobre o setor de reciclagem e fábricas recuperadas em São Paulo. In: I.P.H. Georges, & M. de P. Leite (Orgs). *Novas configurações do trabalho e Economia Solidária*. (pp. 227-268). São Paulo: Annablume, Fapesp.
- Leite, M. de P., Araújo, A.M.C., & Lima, J.C. (Orgs.). (2015). *O trabalho na economia solidária: entre a precariedade e a emancipação*. São Paulo: Annablume.
- Lima, J.C. (2015). Cooperativas de Reciclagem de lixo no Brasil: A autogestão da Pobreza. In: M. de P. Leite, A.M.C. Araújo, & J.C. Lima (Orgs.). *O trabalho na economia solidária: entre a precariedade e a emancipação*. (pp. 325-333). São Paulo: Annablume.
- Marx, K. (2007). *O 18 de brumário de Luís Bonaparte*. São Paulo: Boitempo.
- Marx, K. (2013). *O Capital: Crítica da economia política* (Livro I: o processo de produção do capital). São Paulo: Boitempo.
- Marx, K., & Engels, F. (1998). *A Ideologia Alemã (Feuerbach)*. São Paulo: Martins Fontes.
- Marx, K., & Engels, F. (2013). *Manifesto Comunista*. São Paulo: Boitempo.
- Nascimento, J. B. do. (2016). *“Burros sem rabo” : invisibilidade e consumo ostensivo*. Curitiba: Appris.
- Poulantzas, N. (1984). *Poulantzas: Sociologia*. São Paulo: Ática.



**XXXI CONGRESO ALAS
URUGUAY 2017**

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

Rosaldo, M. (2016). Revolution in the Garbage Dump: The Political and Economic Foundations of the Colombian Recycler Movement (1986 – 2011). In: *Encontro Anual da Anpocs*. Caxambu, MG, Brasil, 40.

Sant'Ana, D. de; Metello, D. (2016). Reciclagem e inclusão social no Brasil: balanço e desafios. In: C.J. Pereira, & F.L. Goes (Orgs.). *Catadores de materiais recicláveis: um encontro nacional*. (pp. 21-46). Rio de Janeiro: Ipea.

Santos, T. F. R. dos. (2016). *Contra a maré? Economia solidária e cooperativa de catadores em meio ao capital* [Dissertação]. Campina Grande: UFCG.

SIES. (2013). *Atlas de Economia Solidária no Brasil*. Recuperado em 10 janeiro, 2015, de <http://sies.ecosol.org.br/atlas>

Silva, S. P., Goes, F. L., & Alvarez, A. R. (2013). *Situação social das catadoras e dos catadores de material reciclável e reutilizável – Brasil*. Brasília: IPEA.

Souza, J. (2009). *A Ralé Brasileira: Quem É e Como Vive*. Belo Horizonte: UFMG.

Souza, J. (2012). *Os Batalhadores Brasileiros: Nova Classe Média ou Nova Classe Trabalhadora?* Belo Horizonte: UFMG.

Thompson, E. P. (1979). *Tradición, revuelta y consciencia de clase: estudios sobre la crisis de la sociedad preindustrial*. Barcelona: Editorial Crítica.

Thompson, E. P. (1987). *A Formação da Classe Operária Inglesa*. Rio de Janeiro: Paz e Terra.

Weber, M. (1974). *Ensaio de sociologia*. Rio de Janeiro: Zahar.

Weber, M. (2012). *Economia e sociedade: fundamentos da sociologia compreensiva*. Brasília: Ed. Universidade de Brasília.